

ANNO I RIO DE JANEIRO N.

6



# REVISTA

DA SOCIEDADE

# PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

## COMISSÃO DE REDAÇÃO

Rodolpho Pauzão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,  
Licínio Cardoso e Pedro Ivo

JUNHO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.



# REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

SUMMARY.— O seculo XIX.— O celibato.— Juizo da imprensa.— A historia da louca.— Poesias : Confissão.— Desejos.— Chronica.— Recepção de jornaes.— Errata.

## O seculo XIX

### II

O seculo XIX era uma consequencia necessaria, logica, fatal da lei da—evolução,

Acompanhando a humanidade em sua longa e trabalho-sa marcha progressiva;

Segundo-a atravez o dedalo emaranhado dos seculos, durante esse vasto periodo historico denominado—idade media—, vimol-a penetrar no augusta e magestoso templo da sciencia.

#### Seculo XIX.

Quadro assombroso que o pincel de Raphael ou de Rubens molhado na palheta de Corregio ou Ticiano não saberia esboçar.

Basilica ingente que o scopro vigoroso de Miguel Angelo não saberia esculpir.

Drama portentoso que a penna aurea de Victor Hugo não saberia escrever.

#### O grande artista era a—Humanidade.

Na vasta base dos seculos as geracões que foram er-gueram a Cheops immensa, o colosso estupendo. E as ge-

rações modernas, ao galgarem o vertice da pyramide, levantavam bem alto a sua legenda sublime.

Essa legenda era uma palavra só : Luz !

Faziam a sua nobre profissão de fé. Era ainda uma palavra só : Trabalho !

E era sobrada à essa legenda, escudada n'este symbolo augusto que a sociedade via despontar com os primeiros alvores do grande seculo a aurora da redempção.

A instrucción é dogma, é lei.

As nações escreviam em seus codigos esta phraso significativa : *homem instrui-te, puros instrui-vos.*

E as portas das escolas descerravam-se aos gritos das candidas creancas, que sorriam ao preceptor affectuoso, entoando o hymno do trabalho.

Os repositorios das Bibliothecas abriam-se ante as massas populares, avidas de instrucción e de luz.

E a mocidade cheia de fogo, a mocidade, que não sabia mais o que eram os torneios sangrentos da idade media, lancava mão da penha, empunhava o livro da sciencia, a nova Biblia, e corria às Academias a escutar a palavra do mestre venerando.

E quando o operario honrado e laborioso repousava o instrumento de seu trabalho, ia attento ouvir o apostolo da verdade, que lhe ensinava os principios da sciencia nas conferencias populares.

A imprensa cumpria o seu papel civilizador. O artista que seguia para a officina levava consigo o livre periodico, onde apprendia a conhecer os seus direitos e cumplir os seus deveres.

Escola, Bibliotheca, Conferencia, tres grandes concepções! tres armas poderosas da crusada do progresso.

O seculo XIX é o seculo da progresso.

Ei-lo o physico, que estuda as propriedades da materia;

O chimico no silencio de seu laboratorio a indagar as leis dos corpos;

O astronomo, que lê os segredos do céo e escreve a constituição dos grandes mundos;

O mathematico, que conhece das leis effectivas dos phenomenos;

O sociologista, que filia os factos, e compulta o volumoso livro da humanidade.

E' sempre o sabio que aprofunda os arcanos da natureza,

é sempre o sabio que observa, deduz e induz; que compara, que filia e demonstra.

Quando Kepler, Newton, Galileu ou Copernico formulam o código do firmamento;

Quando Lagrange ou Libnitz, Descartes ou Comte consolidam o vasto edifício das Mathematicas;

Quando Laplace ou Regnault, Dulong ou Petit observam os factos e deduzem as leis eternas da materia;

Quando Lavoisier consolida os alicerces da Chimica; e Augusto Comte lança as bases da sociologia: é uma lei natural que se cumpre, é a humanidade que marcha, deixando em seu trilho raios luminosos que atestem a sua grandeza.

O homem lera as paginas mais reconditas do grande livro da natureza.

Adivinhara-lhe os mais escuros enredos.

Domava a natureza indomita.

Era o vapor de Fulton sulcando impavido as ondas impetuosas dos oceanos revoltos.

Da lucta vigorosa da sciencia surgiram as conquistas maravilhosas do grande seculo.

Era a locomotiva á rasgar o seio espesso das florestas, derramando as luzes da civilisação lá onde haviam hordas selvagens.

Era o telegrapho transmittindo o pensamento nas azas da electricidade.

E o commercio, as artes e a industria marchavam de mãos dadas como irmãs congeneres.

A lei é uma e immutavel: o Progresso.

Com o grande seculo ia iniciar-se a phase da grande paz, a phase industriosa.

Era hontem. E na patria de Washington e Franklin, o genio que arrancara o raio das mãos de Deus, erguia-se o palacio soberboso das artes, o museu universal, onde os povos todos celebravam o sol esplendido da liberdade, o centenario da independencia americana.

Hoje é na França, na França democrata de Hugo, de Thiers e Gambetta que se levanta magestoso o templo do trabalho. E as nações se entrelaçam e se agrupam em torno da bandeira da democracia. Congresso solemne!

Não esboçamos ao menos os traços ligeiros do painel sublime.

O seculo XIX é como a Chanaam da grande peregrinação mosaica. A humanidade vinha de uma viagem secular, de uma lucta titanica, em que se empenhara com a coragem e o vigor inaudito dos Prometheus.

Tivera o seu Sinai e recebera o duodecalogo das mãos do seu Moysés.

Mas já ás portas de Jerichó um immenso cataclysmo social vinha de convulcional-a até as bases mais profundas, até a pedra mais arraigada de seus alicerces.

Parece que a erupção monstruosa de um novo Vesuvio ameaçava sepultar sob suas lavas incandescentes o passado inteiro como Herculano e Pompeia.

Um grande diluvio, como o diluvio legendario do Christianismo, passava por sobre a face do globo.

E essa demolição estava escripta na lei. Esse immenso cataclysmo fôrça marcado pela successão natural dos factos.

A metaphysica dissolvente desempenhava o seu papel. Era actor no grande drama,

Representava de Erostrato ateava o incendio no grande templo.

E a escola de Voltaire e de Rousseau produzira já o 80, que como um terremoto abalara a sociedade inteira, extinguindo á ferro e fogo a velha aristocracia feudal.

Descartes afirmara a autoridade da razão: *cogito*. Bacon proclamara o predominio da observação e escrevera uma pagina do metodo experimental.

E a sociedade dissolvia-se aos golpes da phalange numerosa dos metaphysicos.

Deus rolára os degraus do seu throno magestatio; e a sciencia partira-lhe o scepto vigoroso.

O sabio não tivera necessidade d'essa hypothese.

Os ceos não atestavão a mão de um architecto supremo, não tinham o cunho de um auctor sobrenatural.

O que a sciencia vira no movimento calculado dos astros, na producção predita dos eclyses, na successão das estações, na precessão dos equinóxios, eram leis eternas e imutaveis que nenhuma autoridade arbitrária podia alterar.

O que a sciencia vira na colerdade do raio, no ribombar do trovão, no zig-zag do relampago, e nos estrondos formidaveis da procella, que assoberbava, no vento que sibilava eram simples phenomenos. □ 4

Essa faxa multicolor, *symbolo da união e da paz*, era tão natural como a queda de um grage.

Os céos não proclamavam as glórias de Deus. Atestavam sim as glórias dos grandes sabios.

Mas a metaphysica critica ficara impotente ante os montões de ruinas.

Ao Deus cahido succedia o scepticismo secco e atrophiador.

O Christianismo cahira fulminado pelos golpes profundos das gerações de cinco séculos.

E com a philosophia christã arruinava-se a moral do catholicismo. Fugia-lhe o terreno debaixo dos pés. Era um edificio sem base.

A humanidade como que fôra precipitada nas profundezas de um abysmo incomensurável.

Dir-se-ia um novo *cahos*.

Mas no seio desse *cahos* informe ia produzir-se o *fiat* sublime.

Nessa noite tenebrosa ia fazer-se a luz.

Surgira das ruínas do passado uma nova Phenix. Havia uma arca santa que sobrenadara ás aguas do diluvio.

A Phenix renascida das cinzas, a arca santa, o *fiat* sublime chamava-se - Positivismo.

Era o operario ingente que vinha reconstruir, reedificar e reerguer.

A humanidade não perecera, que na phrase de Jundzill :

« L'Humanité ne peut périr :  
En vain l'on croit qu'elle chancelle,  
Erreur ! elle se renouvelle  
Pour un glorieux avenir. »

E Augusto Comte era o Messias da nova redempção. De seus labios cahira o verbo da pacificação no seio das lutas formidaveis.

No seculo XIX vinha completar-se a longa elaboração scientifica, iniciada por Thales e Pythagoras, e systematisada só então por Augusto Comte, o genio fecundo, a existencia mais completa, que por ventura se haja produzido ; Augusto Comte, que na phrase de um de seus illustres biographos, confundia em uma só alma : a sabedoria antiga, a ternura cavalheiresca e a pureza catholica, a razão e o sentimento modernos.

O Positivismo é o estandarte da paz universal erguido sobre os destroços da metaphysica.

Não é um simples systema philosophico, não é um simples methodo.

E' a religião da humanidade, a grande religião do futuro.

O dogma é o vasto edifício de todo o saber humano, de todo o conhecimento real e positivo systematisado pelo filho venerando de Montpellier.

O culto é o culto da humanidade, o grande ser que nós vêmos sempre em sua luta secular contra os rigores da natureza indomável.

Não é a providencia sobrenatural, arbitaria, caprichosa e puramente fictícia do christianismo.

E' a providencia real, única que nós devemos verdadeiramente amar, servir e adorar.

Amar-a, porque só a ella devemos o bem que por ventura fruir possamos.

Adorar-a, que só ella pôde proteger-nos contra as fatalidades naturaes; não alterando em seus fundamentos as leis que são eternas e imutáveis, mas amparando-nos em nossa fragilidade, porque prevê as calamidades e sabe afastal-as.

Servil-a, porque só à ella podem utilizar a nossa dedicação, o nosso trabalho, e os nossos esforços.

E' o — Positivismo —, que vem regenerar a sociedade, substituindo ao preceito egoista do christianismo a fórmula sublime, o princípio santo, em que se baseia a moral positiva : *vivre pour autrui*.

E' o — Positivismo —, que institue como o primeiro dever do homem a dedicação à família, à pátria, à humanidade.

E o homem serve a humanidade porque assim o ordinam os sentimentos altruistas de seu coração, e não porque, levado por um princípio altamente egoista, sonhe uma vida futura, cercado dos anjos do paraíso.

E o homem pratica o bem só e só por servir a humanidade e não porque teme as labaredas da caldeira de Pedro Botelho.

E' esta a missão nobre do — Positivismo. — E' esta a palavra sacra do seculo XIX.

Por sobre todas as ruínas levanta o culto santo da Humanidade, o unico Deus verdadeiramente universal.

E só sob o impulso benefico desta philosophia sublime, só dirigida pelos novos principios, avigorada pela nova fé, é que a sociedade poderá reconstruir-se, é que terá desaparecido a influencia deleteria da metaphysica demolidora.

Só o Positivismo poderá pôr termo a esta phase de critica que todos attestam; só elle poderá conciliar o progresso e a ordem, firmando a autoridade da religião, esta condição essencial da vida dos povos.

« E a theologia e a metaphysica não serão eliminadas, o antigo regimem não será destruido, a revolução não será terminada, senão quando as opiniões, os costumes, e as instituições tiverem sido regeneradas pela accão do—Positivismo—, e o culto de Deus fôr definitivamente substituído pelo culto da humanidade. »

O Positivismo, é o *in hoc signo vinces* das gerações modernas.

LAURO SODRÉ

---

## O Celibato

Quando o homem, na hora augusta e silenciosa do recolhimento do gabinete ou na hora contemplativa e muda da vigilia da noite, achando-se collocado pela razão acima de todos os desvios humanos, absorto em profunda contemplação, torna-se estranho aos arruidos do mundo, e esquece todas as prescripções terrestres, todas as formas e theorias imaginadas pela sociedade para enganar-se a si mesma, se então lhe vier alguém como que acordar em suas profundas cogitações para dizer-lhe:

Há homens a quem a lei proíbe o casamento; a quem não são dadas as alegrias do lar; a quem é vedado o carinho terno e consolador da esposa, que é, em certos momentos da vida, qual núnca claridade mostrando o porto

amigo ao nauta perdido por noite procellosa ; a quem é prohibido o beijo doce e sacro-santo do filho, que é, nas horas de amargura, em que se descre de si, de Deus, de tudo, o lenitivo aos dissabores colhidos na lucta entre a vida e a morte ; se lhe disserem em fim : o celibato é uma instituição social. Responderá : «impossível !»

Tanto se tem affastado das aberrações terrenas ! No entanto, furtando-se ao mundo ideal onde o conduzira o pensamento, para entrar no mundo da realidade e analysal o tal como é, reconhecerá a existencia de um ser, homem como os outros pelo physico, cousa sem nome pelo moral, para quem o mundo deve passar desconsolado e triste,(1) e a quem chamam exemplo social: é o sacerdote, é o celibatario. Exemplo ! Para quem ? Oh ! Legisladores da terra, desconheceis a natureza humana ? Não sabeis que o egoísmo dos homens deve ser uma circunstância para considerar na confecção de todas as leis ? Tem, porventura, o sacerdote sua vida presa á de outros entes para quem e por quem viva ?

Sente elle a necessidade de pregar o bem para que seus filhos sejam bons ? Sente-se impelido sempre por uma voz intima — o dever que lhe manda anathematizar o mal para que seus filhos o detestem ? — Não : seu lar é merencorio e ermo, seu coração baldo de affeições. Sente elle uma existencia de mulher presa ao seu destino ? D'essa que em seus dias da juventude, tantas vezes a sonhára, tantas outras lhe fôr o anjo tutelar ? D'essa, cuja expressão angelica, estampada em sua mente, lhe acompanhára em todos os passos, em todas as palavras, em todas as ações ? — Não : n'aquelle coração, onde germinára o amor que mirrou-se pela esterilidade do claustro, e onde deveriam medrar a esperança e amizade, cresce o odio umas vezes, outras a indifferença, e muitas

(1) Alexandre Herculano—Eurico.

outras o vicio. E será isto exemplo? — O é realmente bem triste!

O sacerdote, encontramol-o sob aspectos diversos; pois bem, analysemol-o; vejamos se, de qualquer modo que se nos apresente, não é sempre a natureza mutilada.

Passa por nós, observemol-o: com os olhos fitos na amplidão, nem vê o que o rodeia; solitário e triste, evita o murmúrio do mundo. E' que aquelle peito, fraspassado agora pelo gelo dos desenganos, já teve o calor das esperanças; ali já palpitará um coração cheio de vida, exuberante de seiva, hoje dilacerado pela luta do homem com a natureza; é que aquella alma já sonhára uma outra que a entendesse, que a completasse, que lhe fosse irmã, e hoje, curvada ao pezo do dever imposto pela sociedade, foi vencida e alquebrada na luta do tumulto contra a paz, tumulto das paixões a que cedo a condemnaram, condemnando-a ao isolamento, contra a paz da familia que para sempre lh'a vedaram; é que n'aquelle rosto, onde devia fluctuar o sorriso d'amizade, diffunde-se agora o sorriso da desesperança; é que n'aquelle organismo, onde devia crescer e fructificar um mundo d'affectos e de alegrias, não deslison-se o rocio bonancoso da felicidade, e só produz de si—a tristeza, o pessimismo, o aborrecimento ao genero humano. E será este o espelho em que vos deveis mirar? — Não: elle vos dirá que sois ingratos, vos aconselhará que desconfieis uns dos outros, que derribeis a ordem social, que o progresso é uma mentira, que volvais ao passado em que o celibato não era uma instituição.

Agora vede-o: é alegre. Fixai-o bem: é indiferente. E porque? — Porque já tivera um coração, onde os affectos da familia plantariam os mais puros e sinceros anhelos, e onde a solidão da alma fez brotar a insensibilidade. E será exemplo? Como? Não lhe pedieis a moral e a virtude? Acaso poderão vir-vos esses

sentimentos d'uma outra parte que não seja o coração? E este não lho arrancastes?

Assim o fizestes; supportai-o. Entra em vossa casa; tendes familia, tomai cuidado. Tem o instinto do mal, onde o bem que o impelle e tem a intelligencia que lhe ministra os meios para chegar a seus fins; mas não tem o centro regulador, o coração que suffoque o mal e fortaleça o bem. Se o instinto pedir, a intelligencia fará d'ele um seductor. Expulsai-o da vossa casa: não é exemplo, é o traidor.

Por uma outra face; contemplai-o: é hypocrita e libertino, A culpa é vossa; corrompistes uma alma que podia ser boa, obrigastel-o a prometter o que não podia, a jurar que não havia sentir palpitar-lhe o coração, que não havia obedecer ao imperio da natureza, que renegaria a luz da sociedade para vegetar na treva do isolamento.

Ele não tem crime: vós o enganastes; lhe dissetes que tudo era possível, e obligastel-o ao impossível. E hoje quando, se deixando dominar pela natureza, lhe exigis o cumprimento de seu voto, mente, e, reconhecendo-se reprobado perante a propria consciencia, semelhante ao desgraçado que não tendo animo para medir a profundidade do abysmo que o espera, precipita-se logo, assim elle atira-se ao delírio do vicio, deixando que o instinto brutal apodere-se de sua alma e domine sua intelligencia. Eis o exemplo: em vez da verdade a hypocrisy, em vez da virtude o vicio.

Analisado pois o sacerdote em suas feições as mais geraes, nunca o encontrastes como o quizestes, nunca como o sonhastes. E' que tentastes o absoluto no mundo da relatividade.

A natureza toda, desde o mineral ao animal, desde o atomo até o homem, está sujeita a leis physicas, eternas e immutaveis:

E quizestes derrocal-as!

Em lugar do impossivelmente perfeito, obtivestes o possivelmente imperfeito.

Subtrahir-se a essa chamma intensa, que denominam amor, e que nos incendia a alma quando deparamos com o ente que deve fazer parte de nossa existencia, não ha quem o possa. A natureza inteira ama e se reproduz pelo amor.

Ali são dois corpos inertes, são dois mineraes ; concheguemol-os, aqueçamol-os, e estreitar-se-hão em amoroso enleio fundir-se-hão no seu primeiro e derradeiro amplexo para gerarem um novo corpo.

Aqui, sente-se um aroma inebriante que nos faz amar as plantas, amar a fonte, amar o ceu, amar a terra ; são as flores balouçadas pela brisa : ha pouco tão louças, tinham o viço da innocencia, o perfume e candura da virgindade ; agora pendem os calices, murcha a corolla, cahem as petalas, os estames, as carpellas. E' que o pollen d'umas fecundou as outras. Amanhã o ovario será fructo. As flores sentem, amam, procuram-se e desfazem-se n'un beijo para reproduzirem-se pela semente.

Além é uma féra ; não lhe intimida a frecha do caçador, affronta-a para defender o antro, onde guarda o fructo de suas entradas. E' que tambem os animaes têm o sacrificio e as caricias para os filhos ; tambem sentem a perpetuidade na vida da prole. E' que para a féra ha tambem o jubilo da maternidade e as esperâncias do progenitor.

Mas ah ! a pedra, a flôr, o irracional todos têm o seu hymneu como lhes deu a natureza, sem restrições ; o homem não : esse entendeu que a lei natural não era sábia, e tratou de corrigil-a !

Entenderam que o ministro da igreja votar-se-hia com mais ardor a seus deveres, não tendo com quem repartir suas affeições e fizeram-n'o celibatario.

Engano! Não previram que a mulher é parte integrante do homem, e que tirando-lha, roubam a este metade do seu ser, fazem-no mais imperfeito do que é.

Legisladores da terra; quereis o sacerdote moralizado, o sacerdote exemplo, o sacerdote espelho? Dai-lhe a família, restituí-lhe o coração.

Se esta instituição teve, entretanto, sua razão de ser durante a idade média, se prestou mesmo relevantes serviços, hoje não pode subsistir.

Quando nos tempos feudais, como nos ensina o grande Comte, para que se conservasse intacta a autoridade da igreja, e sempre bem definida a separação entre o temporal e espiritual, era preciso que o sacerdote fosse celibatário, afim de que este não degenerasse em cavalleiro, e o barão sem habilitações em sacerdote, essa instituição era desculpável. Mas hoje que sua razão de conveniencia cessou, seja ella reformada e estabelecida como pôde ser.

Comte, porém, fazendo a apologia dessa instituição, diz que em plena positividade, seria talvez vantajosa para o novo poder espiritual, destinado a reorganizar as sociedades modernas.

Aqui, certamente, como em outros pontos, devido á nossa carencia de habilitações, deixamos de compreender o grande philosopho.

Rio, Junho de 1878.

LICINIO CARDOSO.

## Juizo da Imprensa

Com este numero concluimos a honrosa missão de que fomos incumbidos pelos nossos distintos consocios.

Procuramos desempenhal-a do melhor modo possível e, para o conseguir, não pouparamos trabalho ou sacrifícios.

Mas, agora, que talvez tenhamos de passar a redacção da Revista á outros companheiros de quem a Phenix Litteraria, não pôde e nem deve dispensar os serviços valiosos, não podemos deixar de dirigir nossos sinceros agradecimentos á todos aquelles que honraram-nos com sua confiança.

A' Imprensa, em particular, que prodigalizou-nos o mais honroso e lisongeiro acolhimento, pedimos venia para attestar-lhe nosso apreco e profunda gratidão, transladando as phrases benvolas que dirigiu-nos:

Da Sociedade Phenix Litteraria, recehemos o 1º numero da sua Revista, que contém varios e interessantes artigos dos jovens que constituem esta associação.

Saudando o novo lidador da imprensa desejamos-lhe abundante colheita de louros por longo e datado periodo.

Republlica.

Recebemos o n. 3 da interessante Revista da Phenix Litteraria; ainda d'esta vez não a noticiaremos gastando simplesmente a chapa n. 5, segundo a phrase do espirituoso chronista U. D.

Os brillantes escriptos de uma pleiade de jovens, animados

pelas idéas puras da democracia, merecem-nos a melhor sympathia e consideração, pois verdadeiros talentos collaboram nessas paginas que adornam com joias de subido quilate.

Vemos com prazer realizarem-se nossas previsões ao noticiarmos o apparecimento d'esta publicacão. Transcrevo o summario.

A mesma.

*Revista da Sociedade Phenix Litteraria n. 4.* N'este, como nos mais numeros recommenda-se pela elevação de vistos e profundo conhecimento da materia, patenteado nos diferentes artigos que o compoem. Pelo summario farão os nossos leitores idéa do merecimento e utilidade d'esta publicacão tão util, condemnada sem duvida como outras que temos tido, a perecer por falta do auxilio a que tem direito. Transcrevo o summario e diz:

Ao espirituoso chronista pedimos permissão para confessar que por cá não deixa de haver desejos de dar fim aos elogios dispensados na nossa folha á *Revista*.

Mas que quer? Forneça ella o meio e verão. Antes disso só podemos cumprir um dever, o de proclamar a verdade e fazer justica.

A mesma.

Recebemos os ns. 2 e 3 da *Revista da Sociedade Phenix Litteraria*, contendo excellentes artigos, cujos assumptos vêm provar uma vez mais que a geração que se levanta, nutrita por estudos fortes e serios, acostumada cedo á discussão

vivil, ha de prestar bons e efficazes serviços á nossa patria, logo que chegar a sua vez de entrar nas lides effectivas da vida publica.

*A Illustração Brasileira.*

**REVISTA LITTERARIA.** — Recebi o 1º numero da *Revista que acaba de publicar a Sociedade Phenix Litteraria*. E' uma publicação de valor e que se recommenda ao favor publico. O numero que temos á vista traz bons artigos de litteratura amena e bonitas poesias. Desejamos muitas prosperidades a *Revista da Phenix Litteraria*.

*A Reforma.*

**REVISTA DA PHENIX LITTERARIA.** — Fomos obsequiados com o n. 2 dessa excellente *Revista*, redigida por moços que estudam com proveito questões sociaes e litterarias.

O numero da *Revista* que temos á vista contém variados artigos, primorosamente escriptos e que revelam muito cultivo e ilustração litteraria da parte de seus autores.

*A mesma.*

Recebemos o 1º numero da *Revista da Sociedade Phenix Litteraria*, publicação mensal, sob a redacção de intelligentes moços. O 1º numero recommenda-se por seus escolhidos e bem elaborados artigos, assim como por algumas poesias que, como tentativas, revelam engenho e talento.

*Diário do Norte.*

pelas idéas puras da democracia, merecem-nos a melhor sympathy e consideração, pois verdadeiros talentos collaboram nessas paginas que adornam com joias de subido quilate.

Vemos com prazer realizarem-se nossas previsões ao noticiarmos o apparecimento d'esta publicação. Transcreve o summario.

*A mesma.*

---

*Revista da Sociedade Phenix Litteraria n. 4.* N'este, como nos mais numeros recommenda-se pela elevação de vistos e profundo conhecimento da materia, patenteado nos diferentes artigos que o compoem. Pelo summario farão os nossos leitores idéa do merecimento e utilidade d'esta publicação tão util, condemnada sem duvida como outras que temos tido, a perecer por falta do auxilio a que tem direito. Transcrevo o summario e diz :

Ao espirituoso chronista pedimos permissão para confessar que por cá não deixe de haver desejos de dar fim aos elogios dispensados na nossa folha á *Revista*.

Mas que quer? Forneça ella o meio e verão. Antes disso só podemos cumprir um dever, o de proclamar a verdade e fazer justica.

*A mesma.*

---

Recebemos os ns. 2 e 3 da *Revista da Sociedade Phenix Litteraria*, contendo excellentes artigos, cujos assumptos vêm provar uma vez mais que a geracão que se levanta, nutrita por estudos fortes e serios, acostumada cedo á discussão

vivil, ha de prestar bons e efficazes serviços á nossa patria, logo que chegar a sua vez de entrar nas lides effectivas da vida publica.

*A Ilustração Brasileira.*

*REVISTA LITTERARIA.* — Recehi o 1º numero da *Revista que acaba de publicar a Sociedade Phenix Litteraria.* E' uma publicação de valor e que se recomenda ao favor publico. O numero que temos á vista traz bons artigos de litteratura amena e bonitas poesias. Desejamos muitas prosperidades a *Revista da Phenix Litteraria.*

*A Reforma.*

*REVISTA DA PHENIX LITTERARIA.* — Fomos obsequiados com o n. 2 dessa excellente *Revista*, redigida por moços que estudam com proveito questões sociaes e litterarias.

O numero da *Revista* que temos á vista contém variados artigos, primorosamente escriptos e que revelam muito cultivo e illustração litteraria da parte de seus autores.

*A mesma.*

Recebemos o 1º numero da *Revista da Sociedade Phenix Litteraria*, publicação mensal, sob a redacção de intelligentes moços. O 1º numero recomenda-se por seus escolhidos e bem elaborados artigos, assim como por algumas poesias que, como tentativas, revelam engenho e talento.

*Diario do Norte.*

*Revista da Sociedade Phenix Litteraria* ns. 1, 2, 3, e 4.  
Esta interessante *Revista*, publica-se mensalmente, recomenda-se muito pelos seus escriptos, quer em prosa quer em poesia. Entre os nomes de seus redactores encontramos alguns já bem conhecidos nas nossas letras. Cordealmente os comprimentamos, desejando á *Revista* uma prospera carreira.

*O Mequetrefe.*

Pelo correio nacional, chegado de Pelotas no ultimo Sabbado, recebemos os 1<sup>os</sup> ns. da *Revista da Sociedade Phenix Litteraria*, publicada na capital do Imperio.

E uma publicação mensal, nitidamente impressa e habilmente redigida. Comprimentando os distintos collegas, a quem desejamos uma vida de perennes felicidades, comprimos um dever grato recommendingo ao publico o seu artigo inicial que transcrevemos em seguida.

Além destes juizos, nimiramente honrosos, houve diversas transcrições de artigos e poesias publicadas na *Revista*.

---

*A historia da louca.*

(A' minha mãe)

I

A' margem direita do Anil, caudaloso rio que córta as vastas campinas de minha terra, pouco distante de S. Luiz ergua-se ha dez annos mais ou menos, uma linda casinha ali construída por um velho pescado

chamado Paulo e nella habitava em companhia de uma unica filha, de cujos sorrisos vivia como vive o tronco nodoso do perfume da flor que esponta sobre elle nas manhãs de primavera.

Angela, assim chamava-se a filha do velho pescador, era formosa como o anjo criado pelo primoroso genio de Raphael ou como essa segunda mulher que Rubens idealisou.

Bir-se-hia a visão procurada pelos genios artisticos da antiguidade, que invocaram para conceber-a o deus da arte divina.

Jamais tambem eu vira mulher igual.

Dezoito annos ella tinha. Era a flor s'entr'abriindo aos beijos perfumados da brisa em manhãs de poesia; uma estrella despontando cheia de fulgor n'um céo azul e placido.

O anjo dos idealistas devera ser assim.....

Eu a vi uma vez extasiada na contemplação do céo de uma d'essas tardes de Maio, immovel como aquellas estatuas de fino marmore que ornam os jardins de que fallam as lendas orientaes.

Os doirados cabellos cahiam-lhe dissolutos sobre os hombros e algumas madeixas esvoaçando iam beijar-lhe as faces levemente ruborisadas; por entre as palpebras semi-cerradas fugia um olhar languido e frouxo que parecia querer divisar aquella alma de virgem, que abstrahindo-se da terra, elevava-se ao mundo ignoto da phantasia, onde a admiração que prende o espirito transforma-se em extasis profunda, que é a absorvicio da realdade da vida; nos labios brincava-lhe um sorriso, que ressombrava uma melancolia mysteriosa que se divisava nas linhas perfeitas do pequenino rosto; o collo de alabastrina alvura arfando mollemente, deixava advinhar-se as ondulações voluptuosas de uns seios, sobre os quaes a morte para mim seria apenas a eternidade do sonho.....

E assim estava a virgem n'aquelle tarde de Maio; o pintor, que a reproduzisse na tela de um quadro, teria de certo a immortalidade, porque soubera harmonisar-se a um pensamento de Deus.

## II

Era por uma d'essas noites esplendidissimas de Junho, em que Lamartine sob o céo da Italia ouvio extasiado o ritornelio da camponeza italiana, que vibrava a maviosa Zampogna ante o nicho da Madona.

A lua vagava no céo por entre nuvens de um azul diaphano e

seus raios prateavam as aguas dormentes do rio. A brisa, no harmonioso perpassar, acalentava as florinhas agrestes que pendiam sobre a relva e mansamente enrugava a superficie das aguas.

E lá nas ramas dos arbustos dormitavam as avesinhas acompanhando o silencio que reinava; de vez em quando porém, um trinado incerto como um suspiro de amor, quebrava o silencio da natureza e ia perder-se na solidão dos bosques.

E quasi em meio corria a noite.

### III

Paulo, sentado á porta da choupana, ouvia uma canção singela que sua filha entoára aos melodiosos accordes da guitarra italiana.

Sua cabeça coberta de bastos cabellos brancos pendera sobre o peito e por suas faces tostadas pelo ardor do sol corriam muitas lagrimas.

Diz-se-hia que uma lembrança amarga lhe occorrera á imaginação ou que uma corda esquecida vibrara de novo em seu coração.

E Angela enlevada pela harmonia de sua propria voz, não vira ainda o pranto que vertia silenciosamente seu velho pai.

(Continua.)

A. J. T.

### Confissão

A' M... G...

D'où vient mon amour,  
tu le sauras un jour...  
(A. de Musset).

Pergunta ao monge se não ama o claustro,  
pergunta ao crente se não ama á Deus;  
pergunta à Deus se não ama as nuvens  
d'incenso puro nos altares seus;

Pergunta ao naufrago se não ama a vida,  
pergunta ao cégo se não ama a luz,  
pergunta ao pobre se não ama a esmola,  
pergunta à Christo se não ama a cruz;

Pergunta ao mórto se não ama a prece,  
o goivo, a campa, o cypreste, os marmores;  
pergunt'ainda se não ama o vento  
que geme, à noite, nas funereas arvores;

Pergunta á nuvem se não ama o espaço,  
pergunta á neve se não ama o monte,  
pergunta ao triste caminheiro errante  
do Sahar'ardente se não ama a fonte;

Pergunta ao Cysne se não ama o lago  
de face azul, transparente e lisa;  
pergunta ao lago se não ama o brilho  
da sua argentea que no céo deslisa;

Pergunta ao lôdo se não ama a pérola,  
pergunta ás aves se não amão o ar;  
pergunta á vaga se não ama o leito  
de fina areia, onde se vem deitar;

Pergunta á herá se não ama o tronco,  
pergunta ao tronco se não ama o galho,  
pergunta ao galho se não ama a folha  
e a gôta algente de celeste orvalho;

Pergunta á planta se não ama a chuva,  
pergunta ao prado se não ama a relva;  
pergunta ao indio se não ama a taba,  
o arco, a flécha, o canim, a selva;

Pergunta ao sol se não ama o dia,  
pergunt'abêlha se não ama a flor;  
pergunta tudo o que quizeres, tudo,  
— Só não pergunte se te visto amor!

Oh! não pergunteis, que difícil fôra  
disés-te tudo o que minh'alma sente...  
— Se o amor é a santa religião do affecto,  
— tu és a Deusa e me fiseste crente!

Dezembro—16—77.

M. VALLADÃO.

---

### Desejos

A' P....

Se eu podesse mulher um só momento,  
Nesta vida que começa a definhar,  
Sentir louco d'amores, delirante,  
Teu seio junto ao meu á palpitar;

Se eu podesse oscular a loura trança  
Que a medo vai beijar-te os pomos bellos,  
Se eu podesse envolver a fronte exhausta  
Nos sedosos anneis de teus cabellos;

Se eu podesse sorver o doce nectar  
Que enrubecem teus labios de carmim,  
Se a teu lado eu podesse a sós contar-te  
Essas lendas d'amor que não têm fim;

Se eu podesse beijar os verdes jambos  
Que procuras occultar dentro do seio,  
Se eu podesse sentir como elles sentem  
De teu collo de cysne o mago anceio;

Se eu podesse n'est' hora em que não brilha  
O ardente fulgor de teus olhares  
De joelhos contemplar-te junto ao leito,  
Ser o anjo tutelar de teus sonhares;

Se eu podesse cingir-te o collo eburneo  
E sentir de teu seio o doce arfar  
Se eu podesse viver só pr'adorar-te  
Se eu podesse viver só pra te amar,

A vida que um martyrio me tem sido,  
Mago sonho d'amor se tornaria !  
Minh'alma revivêra assim ditosa,  
No ceo e no porvir então creria !

Oh! dá que eu sinta da ventura um raio,  
Brincar contente sobre o peito meu,  
Oh! dá que possa mitigar meus males  
Nos doces favos de sorriso teu.

Corte, Janeiro, 78.

T. PORTOCARREIRO

## Chronica

Gratifica-se com uma assignatura da Revista a quem provar com documentos em como conseguiu ler de um frago (ou mesmo de dez) um sem malicia; agora a quem provar que leu de olhos abertos e consecutivamente um sem malicia e um *cousas de casa*, esse pôde apresentar-se que será commisionado por nós á Paris com o fim de enviar-nos folhetins França Junior da Exposição Universal; cartas à redacção para Julio Huelva, ou J. H. — para maior sigillo. Se o leitor massa-se com nossos infallíveis piparotes nesses senhores ou nesse senhor, então tiraremos carta de massante visto como o não podemos dar de mão. Somos assignante do Jornal, estamos em stricto direito. *Strictis juris*, com latim e tudo.

E' difícil saber-se de que vivem os nossos veteranos da cena dramatica, os nossos mais conhecidos, mais trabalhadores, mais discretos, mais honrados e mais sarapintados actores. E' uma vegetação de cardos, a arte. Quando algum mais corajoso tenta levar á ante uma empreza theatrical, desalenta e prostra-se, não de fatigas e esforços, mas simplesmente de fome. Não podem contar ao certo com um bife sequer. Vimos mesmo o velho Martinho, sim o Martinho, não conhecem o Martinho?... pois vimos o Martinho todo cercado de badulaques e objectos velhos, com seu grande nariz desoladamente pensador, á entrar em ajustes com o pobre Jacques da rua da Carioca. Ante tal quadro, limpamos surrateiramente uma lagrima no canto do olho.

Quem acoimar esta chronica de serodia, não tem razão, porque ella não traz precisamente data, é livre como o ar, esahé á rua *front haut, pied leste et cœur joyeux*, embora sempre na pindahyba. Se o Sr. Duque Estrada visse-a na rua, provavelmente assestava o monoculo e tratava de angelial-a para a flôr da gente; mas não afiançamos que elle obrava com acerto.

E' caprichosa, porque sua lei não está no modo de andar, mas na intenção.

A data é a maior tyrannia que ha para quem quer divertir-se.

Pois, ficariamos doente se nada dissessemos á respeito de um artigo critico sobre o poema *Satanapolis*, o qual artigo apareceu no Jornal, assignado por A. J. Ribas, que julgamos ser um illustre professor da Academia de S. Paulo. Entre parenthesis, o auctor do poema nem se lembrou que existiamos, apesar de tanto ruído que se tem feito ao nosso advento; pois bem, mercadejaremos o seu livro a troco do vil metal, e passe bem. Fechado, direi que o Sr. Ribas despejou grego, latim, inglez, francez, alemão, etc., em summa uma bateria de linguas mortas, vivas, enfermas, de ambos os sexos e com rethorica na frente.

Muito bem, bello cabedal, invejavel erudição, não ha duvida. Mas nós, que não estamos resignados a ficar como boi em frente de palacio, queríamos ser ventriloquo para que nossa voz lhe dissesse em pleno gabinete: Illustre professor, fóra o chiné; o vosso classicismo está muito empoado e muito mestre-escola. Olhai as cousas em grosso e não vos

engodeis com miúchalhas. No mais, illustre professor, somos vosso sincero admirador, visto comoinda vos occupaes com cousas litterarias, na nossa terra.

O Sr. Furtado C.... aréca tem dado que fazer aos nossos caricaturistas. Não diremos que elle é bananeira que já deu cacho, mas cremos que elle hoje ama sobretudo a arte..... de ir-se cheio de patacas. *De profundis: A terra das patacas lhe seja... pesada.*

O concidadão Bernardino deiton conferencia. Tambem é dos taes que nos tomam o papel. Paciencia, leitor. Em seu estylo erigido de italicos, afançou-nos elle que ia fallar com toda a franqueza. Franqueza por franqueza, desculpe-nos a dita. A teia de seu discurso é inextricavel, a sua dialectica é impenetravel. E quando se está n'um gostinho para advinhar a sua intenção, eis que surge de improviso um adverbio immenso, abstruso, incongruente, esdruxulo, impossivel, maravilha de eloquencia em repicho, o qual, introduzindo-se n'uma *retorta irresponsavel* (sic), reage com um trópo caôlho e corcunda, dando em resultado um composto a que é absolutamente impossivel que o principe Natureza não ache digno de si.

Os artigos de fundo ou antes aranzeis de fundo do financeiro Tragaldabas, no *Diarío Official*, tem tanto de fundo, quanto a algaravia do redactor da *Patria* tem de forma.

E depois vão achar ridiculo quem pretendeu encanar cajuada gelada no Rio de Janeiro.

O Ferrari está a chegar. A' proposito, vamos fazer nossa profissão de fé musical. Somos melodista, isto é, ingenuo. Se o leitor costuma respeitar manias, far-lhe-hemos conhecer a nossa melo-ditas.

Amamos até a insanía duas operas—O *Barbeiro de Sevilha* e o *Guarany*. A musica do cysne do Pezaro faz-nos o efecto que fazia o hebraico no nosso imperial astronomo. A cavatina de Rosina e a aria de Figaro são capazes de fazer-nos dar os maiores desfructos (com licença para o termo). Aquella musica ouve-se por todos os póros, come-se, respira-se, faz cócegas, dóe, e dá-nos até amor pelo macarroni.

Quanto à obra do cysne do Novo Mundo, é musica de que havemos-nos de aborrotar enquanto não nos atacar a

surdez. Sintimos uma força indomita que nos attrahe a transportar o oceano, agarrar o maestro pelo toutiço, vergal-o violentemente e administrar-lhe uma coroa de ouro, ou prata, ou em ultimo caso, de folhas de pitangueira. Essa theoria musical é bastante eloquente e sobretudo expedita. Mas em todo caso, como chronista que somos, e não podendo consultar Larousse, já estamos organisando chapas para nossas resenhas musicais vindouras, extrahidas de alfarrabios da rua de S. José.

Escantilhão :— Ouvindo tal musica, as cariatides do proscenio chorarão, chorarão. Outro, e esse já em 3<sup>a</sup> mão— esta musica é capaz de, como o sol de Memnon, fazer cantar o proprio marmore.

Etc.

Assim como uma bolha de sabão desfaz-se n'uma gota, essa nossa agora resolve-se n'uma lagryma.

Depomola junto ao tumulo do conselheiro Victorio, que foi na vida— justo, bom, ilustrado e amavel.

U.

Recebemos e agradecemos os seguintes jornaes : Mosai-co Ouro— Pretano— sculo— Xenios— Progresso Litterario— Livramento— Violela— Alvorada— Revista Gabriense— Ga-zeta de Campinas— Monarchista— Colombo— Espírito San-tense— Americano— Monitor Campista— Mequetrefe— Illus-tração Brasileira— Iracema— Cruzeiro do Sul— Domingo.

### Rectificação

No n. 5 desta Revista, á pagina 101, linha 9<sup>a</sup>, onde se lê :— a luz da victoria, leia-se :— a luz da historia, etc.

Typ. do Imperial Instituto Artístico, rua d'Ajuda 61, chacara da Floresta.

# ASSIGNATURA

Anno.....	60000
Semestre.....	30000
Numero avulso.....	500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na  
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113